REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 33 No. 1 2020

RESENHA
BOOK REVIEW
RESEÑA

SOUZA, M. A. T.; COSTA, D. M. (EDS.) 2018. HISTORICAL ARCHAEOLOGY AND ENVIRONMENT. © SPRINGER INTERNATIONAL PUBLISHING AG, PART OF SPRINGER NATURE 2018, 270 P.¹

Silvia Moehlecke Copé²

A leitura do livro *Arqueologia Histórica e Ambiente* (*Historical Archaeology and Environment*), organizado por Marcos André Torres de Souza e Diogo Menezes Costa, é inquietante e muito instigante. Segundo os organizadores, a criação da obra foi motivada, por um lado, pela falta de estudos disponíveis envolvendo o meio ambiente em arqueologia histórica e, por outro, pelas dramáticas mudanças climáticas que estão ocorrendo em todo o planeta e pelos esforços globais para enfrentá-los. O objetivo é oferecer novas reflexões sobre o assunto, contribuindo para o desenvolvimento de novas abordagens, debates e conjuntos de conhecimentos que envolvam a arqueologia histórica e o meio ambiente.

Seguindo uma abordagem da arqueologia histórica das mudanças ambientais, todos os doze capítulos, agrupados em três partes, trazem relevantes questões para essa discussão. A Parte I – Quadros Conceituais (*Conceptual Frameworks*) inclui abordagens teóricas e metodológicas sobre meio ambiente na arqueologia histórica e oferecem inovações e estudos analíticos substanciais para o tema. A Parte II – Estudos sobre Arqueologia Histórica e Ambiente (*Studies on Environmental Historical Archaeology*) inclui estudos de caso que demonstram como a relação humano-natureza evoluiu histórica e globalmente. Por fim, a Parte III – Arqueologia Histórica e Antropoceno (*Historical Archaeology and the Anthropocene*) aborda mudanças ambientais e o impacto da atividade humana no meio ambiente que nos afetam hoje e continuarão no futuro.

O livro está muito bem estruturado, os autores dos capítulos são renomados especialistas e os nossos competentes colegas editores, muito reconhecidos dentro de sua área de atuação, dispensam apresentações. Os conteúdos abordados são impressionantes pela atualidade da sua temática e pela abrangência geográfica e teórica, nesse último caso, uma oportuna discussão sobre a apropriação dos conceitos de Arqueosfera, do Antropoceno, da utilização de abordagem pós-humanista e da teoria da rede de atores (ANT). Os estudos de caso são muito variados, abrangendo desde a produção desenfreada de mercadorias e os efeitos/impactos da colonização na Amazônia e no Brasil Central, até a mineração no México e o pastoralismo na Austrália, ou ainda, o estudo do desaparecimento da atividade de pesca e dos pescadores na cidade de São Paulo. O livro também narra a história de uma árvore frutífera como entidade central nas ideologias locais na África Central; relata a interação recíproca dos materiais dos naufrágios e as

¹ https://doi.org/10.1007/978-3-319-90857-1_1.

² Núcleo de Pesquisa Arqueológica – NuPArq, Departamento de História, IFCH/UFRGS. E-mail: copemsilvia@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4137-4255>.

comunidades bênticas no golfo do México; explicita a mudança ambiental provocada pelos colonos na Austrália e a profundidade histórica dessa mudança a partir da chegada dos aborígenes há 65 mil anos atrás e ressalta a dimensão do Antropoceno na Antártida, em particular dos caçadores com as ilhas Shetland do Sul no século XIX. Para contemplar esta diversidade temática e as diferentes abordagens teóricas, apresento abaixo uma breve sinopse dos doze capítulos do livro preservando a descrição dos próprios autores sobre seus trabalhos, evitando assim uma possível distorção de compreensão da resenhista.

A parte I, sobre os Quadros Conceituais, é composta de três capítulos. O capítulo I – Introdução: Arqueologia Histórica e Ambiente (*Introduction: Historical Archaeology and Environment*), de Marcos André Torres de Souza e Diogo Menezes Costa e redigido pelos organizadores do volume, constitui-se de uma belíssima e instigante introdução aos diversos temas abordados no livro. No tópico ‘Transpondo fronteiras em Arqueologia Histórica’, os autores discutem a recorrente falta de interesse no Ambiente por parte da Arqueologia Histórica atribuída à enorme distância existente no mundo moderno entre os seres humanos e o meio natural, devido principalmente à dependência da tecnologia moderna e da economia de mercado. Além disso, propõem novas vias para a superação das abordagens convencionais calcadas nos paradigmas dicotômicos pré-história/história e cultura/natureza, as quais os autores denominam de dualidades interconectadas.

O Capítulo 2 intitulado ‘Mais do que apenas um registro: efeitos ecológicos ativos dos estratos arqueológicos’ (*More than Just a Record: Active Ecological Effects of Archaeological Strata*), de Matt Edgeworth, apresenta um artigo seminal com novas discussões sobre o conceito de Arqueosfera. O autor considera que a Arqueosfera é uma entidade estratigráfica de escala global que pode ser definida como a totalidade de estratos arqueológicos significativamente modificados por atividades humanas. Edgeworth ainda examina as muitas interações ativas, influências e impactos dessa entidade em outras partes dos sistemas ecológicos e, embora parcialmente criado, transformado e ampliado pelos seres humanos, possuem uma existência independente e com poderes de agência material e, portanto, com capacidade de gerar efeitos ecológicos no futuro, mesmo em um mundo pós-humano.

No capítulo 3, ‘A arqueologia das mudanças climáticas: a produção desenfreada de mercadorias é sustentável?’ (*The Archaeology of Climate Change: Is Unbridled Commodity Production Sustainable?*), Stephen A. Mrozowski examina a acelerada produção de mercadorias (commodities), que é comumente encontrada em sítios históricos, e suas conexões causais à mudança climática. O autor possuiu uma perspectiva pós-humanista, entendida como a relação entre os seres humanos e todas as coisas vivas da Terra. Para superar as epistemologias dualistas, o pós-humanismo oferece para o arqueólogo interessado no meio ambiente um quadro geral que se concentra sobre a interseccionalidade do biológico e do social, enquanto propõe questões éticas sobre o futuro da humanidade. A abordagem pós-humanista é utilizada para estabelecer a relação entre passado, presente e futuro que envolve questões maiores como a sustentabilidade da produção global de mercadorias e a questão da universalidade da renda e emprego.

A parte II do livro compreende sete capítulos sobre os estudos em Arqueologia Ambiental. No Capítulo 4, Arqueologia Eco-histórica na Amazônia Brasileira: Transformações Ocidentais Materiais, Naturais e Culturais (*Eco-historical Archaeology in the Brazilian Amazon: Material, Natural and Cultural Western Transformations*), Diogo Costa demonstra a estreita e inseparável relação entre processos coloniais e o ambiente amazônico. Como o autor observa, o ambiente amazônico é um híbrido formado através de diferentes temporalidades e processos de transformação. Costa analisa a inter-relação do humano (a presença ocidental na Amazônia) e do não humano (impactos ambientais)

gerada pela presença ocidental na Amazônia e seu provável legado material, natural e cultural. Para responder à pergunta do por que a sociedade ocidental moderna tenta transformar a floresta amazônica nos últimos 500 anos, ele investiga quando, onde e como essas mudanças ocorreram no ambiente amazônico, discute o significado dos restos arqueológicos eco-históricos e examina as populações afetadas durante a história da colonização ocidental da Amazônia.

O Capítulo 5, *Produção Indígena de Carvão Vegetal e Empresas Metalúrgicas Espanholas: Arqueologia Histórica de Atividades Extrativistas e Degradação Ecológica no Centro e Norte do México* (*Indigenous Charcoal Production and Spanish Metal Mining Enterprises: Historical Archaeology of Extractive Activities and Ecological Degradation in Central and Northern Mexico*) de Patricia Fournier Garcia, ressalta o quanto a invasão ibérica do Novo Mundo resultou em processos de degradação da terra. A agência humana associada à mineração de prata e aos dois métodos envolvidos no refino (fundição e amalgamação) teve consequências ambientais dramáticas. A necessidade de combustível usado num método levou ao desmatamento de vastas áreas onde os solos foram mais erodidos. O uso de mercúrio no outro método produziu resíduos tóxicos e rejeitos em cidades e regiões de mineração, envenenando solos, sedimentos e a água. Com base nas análises detalhadas de registros históricos, prospecções e escavações arqueológicas, Garcia discute como os índios Otomí, do Vale do Mezquital, na região central do México, tornaram-se produtores de carvão vegetal requerido nas minas localizadas no vale e mostra como o mercúrio foi introduzido nas regiões de mineração do norte do México através de um estudo de caso de Zacatecas, numa cidade mineira em Pánuco.

No capítulo 6, *Rumo a uma Arqueologia de Pastoralismo Extensivo na Grande Bacia Artesiana na Austrália* (*Towards an Archaeology of Extensive Pastoralism in the Great Artesian Basin in Australia*), Tim Murray resume brevemente a essência de um novo projeto de pesquisa de abordagem interdisciplinar que explora a arqueologia histórica do pastoralismo na Austrália, com um foco particular na Divisão Oeste de New South Wales. Os principais elementos do projeto abrangem a história ecológica convencional (especialmente o impacto do gado ovino e bovino nas pastagens da região) bem como a história da lã como mercadoria global, o impacto da desapropriação dos povos indígenas por colonos europeus e o impacto de novas tecnologias, como cercas, ferrovias e particularmente a perfuração de água artesianas. O projeto considera assim muitos elementos de um inquérito mais geral sobre os impactos ecológicos e econômicos da criação de entidades nacionais e imperiais (e identidades) durante o século XIX e início do século XX em todo o mundo. Ainda, como aponta o autor, quando pensamos a relação entre as pessoas com o meio ambiente há uma diferença de concepção entre viver em e viver com, e este último implica a necessidade de práticas sustentáveis, um campo com o qual a arqueologia começou a mostrar sinais de engajamento.

No capítulo 7, *O Desaparecimento dos Pescadores: Uma Arqueologia da Modernidade Cruel na Cidade de São Paulo* (*The Fishermen's Disappearance: An Archaeology of Cruel Modernity in São Paulo City*), Rafael de Abreu e Souza discute a ocultação deliberada das águas dos rios na cidade de São Paulo no século XX. Em seu estudo, torna-se claro como, devido a um desejo humano de exercer controle sobre a natureza, novas e imprevistas reconfigurações na relação cultura-natureza podem surgir. Hoje, como São Paulo enfrenta uma escassez quase paradoxal de água, uma arqueologia da construção da cidade moderna mostra como o mundo urbano foi projetado para purificá-lo do menor vestígio de "natureza". Desse modo, o texto procura destacar aspectos do desaparecimento de uma atividade pouco conhecida entre os habitantes atuais, mas que já teve um peso inegável na história dos planaltos da cidade: a pesca. Utiliza fontes materiais e históricas sobre a pesca na cidade de São Paulo nos séculos XIX

e XX e chama a atenção para o impacto ambiental das mudanças materiais urbanas causadas por uma modernidade cruel que causou o desaparecimento dos pescadores.

O Capítulo 8, *Relações emaranhadas: a expansão de uma fronteira colonial no Brasil Central durante o século XVIII (Entangled Relations: The Expansion of a Colonial Frontier in Central Brazil During the Eighteenth Century)*, de Marcos André Torres de Souza e Júlio Cezar Rubin de Rubin, examina o processo de expansão colonial em uma das franjas da América portuguesa, uma área pioneira de ocupação no Brasil Central durante o século XVIII, que incluiu aldeias, áreas de mineração, plantações e assentamentos de escravos fugidos. Especial ênfase foi dada à forma como esses envolvimento estão relacionados tanto com a construção do poder e da etnia. Três conceitos derivados da teoria do ator-rede (ANT) foram instrumentais nessa análise: agência, *affordance* e tradução. Para ir além do estudo da “paisagem social”, que enfoca os componentes humanos e sociais da paisagem e tem sido a perspectiva dominante das análises na arqueologia histórica, os autores consideraram sistematicamente os componentes não humanos nas discussões.

O Capítulo 9, *A história profunda do Ficus thonningii Bl. na África Central: Ontologia, assentamento e meio ambiente entre os povos do Baixo Congo (primeiros tempos a cerca de 500 a.C.E.) (The Deep History of the Ficus thonningii Bl. in Central Africa: Ontology, Settlement, and Environment among Lower Congo Peoples (Early Times to ca. 500 B.C.E.))*, de Marcos Leitão de Almeida, mostra que estudos recentes sobre a relação entre migração humana e ambiente na África Central antiga fizeram avanços importantes na compreensão do desenvolvimento relacional entre colonos falantes de línguas Bantu, árvores frutíferas e a expansão de corredores de savana devido à destruição induzida pelo clima da África Central. Usando linguística histórica, linguística cognitiva e etnografia comparada, este capítulo discute como a *Ficus thonningii Bl.*, uma espécie nativa da África Central, foi usada no ritual de fundação de novas aldeias para estabelecer a condição de engajamento entre os recém-chegados e espíritos terrestres de terras recém-descobertas. Indo além das suposições modernistas sobre a separação entre o humano e a natureza, e a mente e o corpo, isso mostra como uma série de práticas incorporadas e processos cognitivos marcaram a árvore como uma entidade central nas ideologias locais.

No capítulo 10, *A Evolução da Recente e Multidisciplinar Pesquisa Arqueológica e Biológica em Águas Profundas na Plataforma Continental Exterior do Golfo do México (The Evolution of Recent Multidisciplinary Deep-Water Archaeological and Biological Research on the Gulf of Mexico Outer Continental Shelf)*, Alicia Caporaso, Daniel J. Warren e Stephen R. Gittings apresentam a atuação do Bureau de Gestão de Energia Oceânica (BOEM), que regula o desenvolvimento de energia offshore na Plataforma Continental Exterior (OCS) dos Estados Unidos e exige que os operadores de petróleo e gás conduzam um levantamento geofísico, biológico, arqueológico e bentônico. Essas pesquisas identificaram mais de 100 naufrágios em águas profundas. Recentemente, cientistas do BOEM projetaram pesquisas que tratam arqueologia, biologia e geoquímica como iguais e, nesse sentido, os autores combinaram diferentes modos de conhecimento científico para demonstrar como materiais de naufrágios e comunidades bêmicas interagem reciprocamente no Golfo do México, coevoluindo de maneira mútua.

A Parte III do livro, *Arqueologia Histórica e Antropoceno (Historical Archaeology and the Anthropocene)*, possui dois capítulos. O capítulo 11, *Arqueologia e o Antropoceno no Estudo da Colonização na Austrália (Archaeology and the Anthropocene in the Study of Settler Australia)*, de Susan Lawrence e Peter Davies, mostra que os dados ambientais e o momento histórico dos dois últimos séculos fornecem perspectivas sobre a mudança conduzida pelos colonos na Austrália e a coloca no contexto de longo prazo da mudança antropogênica, a qual começou com a chegada dos aborígenes há 65 mil anos. A arqueologia histórica está em posição privilegiada para interpretar esse registro e dar

uma contribuição importante para a compreensão do Antropoceno, pois possui a capacidade de integrar dados científicos sobre o meio ambiente com entendimentos baseados sobre cultura e agência humana. Argumenta-se que a pesquisa que integra mais estreitamente as abordagens arqueológicas com a ciência ambiental tem um potencial considerável para fornecer insights sobre mudanças ambientais antropogênicas e adaptação humana às mudanças causadas.

No capítulo 12, O Antropoceno na Antártida: Considerando Perspectivas “Fixas” e “Mais Fluidas” da Análise (*The Anthropocene in Antarctica: Considering “Fixed” and “More Fluid” Perspectives of Analysis*), Andrés Zarankin and Melisa A. Salerno iniciam uma discussão produtiva sobre a Antártica, o “continente selvagem”, que provou ser um importante laboratório para pensar questões ambientais. Em sua discussão, eles se afastam de uma abordagem preocupada essencialmente com a busca por artefatos e estruturas capazes de revelar as práticas sociais do passado, para uma abordagem baseada no que eles chamaram de “perspectiva web”, que está interessada em outros seres e materialidades, e na maneira como se relacionam através de fluxos e experiências.

Através dos breves resumos dos capítulos expostos acima, percebe-se que a leitura do livro *Historical Archaeology and Environment* é essencial e promove inusitados diálogos entre Arqueologia Histórica e Meio Ambiente. Um louvável denominador comum é a preocupação com o futuro, pois todos os autores constataam que estamos testemunhando transformações ambientais em larga escala, muitas das quais irreversíveis e que estão se movendo rapidamente em direção a um futuro perturbador e não planejado. O uso do conceito de Antropoceno, da percepção da Terra como um ser vivo preconizado pela Hipótese de Gaia, da constatação da necessidade de uma ética mais inclusiva, levando em conta os direitos dos não humanos, nos permite aumentar nossa autoconsciência e a necessidade de engajamento em práticas sustentáveis, atingindo o objetivo do livro, que é reunir contribuições substanciais e abrangentes para o entendimento do ambiente global em uma perspectiva da Arqueologia Histórica.

Palavras-chave: Arqueologia Histórica; Ambiente; Mudanças Climáticas.

Keywords: Historical Archaeology; Environment; Environmental Changes.

Palabras clave: Arqueología Histórica; Medio Ambiente; Cambios Climáticos.